

A intuição do tempo sagrado: o princípio de um pensamento cósmico

Vitor Chaves de Souza¹

Resumo: Este artigo propõe a narrativa da criação do mundo nos textos sagrados, sobretudo nos primeiros versículos do livro de Gênesis, como um princípio de pensamento cósmico possibilitado pela intuição do tempo sagrado. O estudo é dividido em duas partes: (1) a noção do tempo; e (2) a atribuição de sentido enquanto ato criador que significa a criação, tendo em Gênesis 1 o seu exemplo. O estudo, sendo um aprofundamento da filosofia de Mircea Eliade, sustenta-se na teoria da ontologia quebrada para alcançar a tarefa do reconhecimento de si diante da fratura do ser, de Paul Ricoeur. Para tal objetivo, a noção temporal do *instante* enquanto a única realidade do tempo, de Gaston Bachelard, é contemplada no exercício reflexivo pelo qual o processo da identidade narrativa, localizada no instante do sagrado, localiza a criação de sentido no ato criador por excelência.

Palavras Chave: tempo; mitologia; Mircea Eliade; Gaston Bachelard; Paul Ricoeur.

Abstract: The paper presents proposes the world's narrative creation in the sacred texts, especially in the first verses of Genesis, as a principle of cosmic thought possible by the intuition of the sacred time. The study is divided into two parts: (1) the notion of time; and (2) the attribution of meaning as creative act that means the creation, having in Genesis 1 its example. Being a development of Mircea Eliade's, this study is based on the broken ontology theory to achieve Paul Ricoeur's recognition of the self on the fracture of being. For this purpose, the temporal notion of the *instant* as the only reality of the time, of Gaston Bachelard, is given with in the reflective exercise by which the process of narrative identity, located at the time of the sacred, finds the creation of meaning in the creative act par excellence.

Keywords: time; mythology; Mircea Eliade; Gaston Bachelard; Paul Ricoeur.

Introdução

Sabemos que o tempo é uma preocupação comum nos filósofos Mircea Eliade, Paul Ricoeur e Gaston Bachelard. Segundo Eliade, o tempo é o único mal palpável. Em seu diário registrou: “Eu nunca acreditei no Diabo nem tive obsessão pelo pecado, e era indiferente ao ‘problema do mal’”.² De acordo com Mac Linscott Ricketts, um historiador das religiões que aprendeu romeno e viajou para a Romênia para escrever uma biografia de Eliade, o maior inimigo de Eliade é o *tempo*³, pois trata-se da única ameaça que o impediu de estender e aprofundar sua obra. Diferente de Eliade, uma das preocupações originais do pensamento de Ricoeur reside na discussão do mal⁴. Entretanto, a concepção do tempo eliadiano aproxima-se, a rigor, da concepção de Ricoeur. O tempo se insere na filosofia ricoeuriana na esfera da finitude e da limitação do ser. Diante do cogito quebrado, a narrativa – objeto de reflexão do filósofo ao longo de sua carreira, como apresentado em *Tempo e Narrativa* e *A Metáfora Viva* – torna o tempo pensável e, na especificidade deste estudo, aproxima a noção do instante na fenomenologia do tempo de Eliade. O mito, em sua condição criadora de sentido, apresenta-se como narrativa original de uma percepção temporal pensada, cíclica ou linearmente, e aberta diante de um mundo possível. A busca por algo além do tempo (Eliade) e a abertura da percepção no tempo (Ricoeur) leva-nos a Gaston Bachelard. Para o filósofo francês, cujas reflexões acompanham as de Roupnel, “o

¹ Teólogo e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

² “I had never believed in the Devil nor ever suffered an obsession with sin, and I was indifferent to the ‘problem of evil’”. ELIADE, Mircea, *Autobiography, Volume 1: 1907-1937, Journey East, Journey West*, pp. 167-168.

³ RICKETTS, Mac Linscott In: ELIADE, Mircea. *Journal I, 1945-1955*, p. X.

⁴ RICOEUR, Paul. *Le Mal: un défi à la philosophie et à la théologie*. Geneva: Labor et Fides, 1986, 64p., p. 24.

tempo só tem uma realidade, a do Instante”⁵. Trata-se de um eixo no qual a discussão temporal, apoiada em *Siloë*, esquece a noção de duração para olhar sobre a história numa perspectiva de tempo descontinuada. Mesmo sabendo que a teoria bachelardiana do instante é uma resposta à teoria do filósofo Henri Bergson, a intuição do instante, de Bachelard, ao fornecer uma chave de leitura à fórmula temporal de Eliade motivada pela identidade narrativa de Ricoeur, possibilita o que denominamos de um princípio de pensamento cósmico. A saber, uma abertura original para um mundo de narrativas e ritos que oferecem uma noção de criação na qual reside o sentido pleno do ser.

O instante e o tempo sagrado

Partimos das considerações de Mircea Eliade sobre a dialética do sagrado, na qual “a experiência do sagrado torna possível a ‘fundação do Mundo’: lá onde o sagrado se manifesta no espaço, *o real se revela*, o Mundo vem à existência”⁶. A dimensão ontológica da abordagem do sagrado rotura, em diferentes esferas, o eixo da comunicação dos níveis cósmicos. Trata-se, a saber, da *passagem de um modo de ser*. O sagrado invoca uma experiência original, que pretende ser criadora e doadora de sentido. O Êxodo bíblico ilustra a passagem de um modo de vida para outro; a transcendência espiritual – ou a emancipação social. O aspecto da centralidade do mundo, oriundo da heterogeneidade do profano, comunica a hierofania e instaura cosmogonias.

Gênesis 1 é o registro histórico, patrimônio da humanidade, portador de cosmogonias doadoras de sentido. Na proposta de nossa leitura hermenêutica e existencial, a semente da ontogênese fertiliza-se na ideia de início, i.e., o começo temporal, o primeiro evento de uma série de eventos que se darão na temporalidade. Entretanto, o início não remete à contabilidade do mundo, mas à noção de origem, em perspectiva atemporal. Tal distinção, segundo Ricoeur, deve ser enfatizada, uma vez que o início, da narrativa bíblica, interessa-se pela ordem do ser ao invés da ordem da geometria.⁷ Em Gênesis 2.4b não há se tornam explícitas preocupações temporais.⁸ Há uma outra preocupação, que se encontra na síntese do temporal e do atemporal. “No princípio Deus criou o céu e a terra” (Gn 1.1). O interesse do princípio reside nos fundamentos do ser. Para Ricoeur, o fundamento, por excelência, é a linguagem. O prólogo de João, nesta perspectiva, trata-se de uma réplica de Gênesis 1.1 ao declarar, “Na princípio havia o logos/Palavra”. A assimilação do início, enquanto fundamento, com a Palavra tem raiz hebraica nos escritos de sabedoria e resguarda, no fundo de seu mistério, uma percepção temporal que escapa as noções circulares ou lineares.⁹

As narrativas míticas, assumindo a criação do mundo pelos deuses, atribuem à experiência religiosa uma possibilidade de identidade ao indivíduo que busca compreender o tempo. A urgência da identidade é elevada na leitura de textos significativos. A atribuição de sentido – segundo a escola da fenomenologia eliadiana – pode ser resumida na sentença: “*o Mundo deixa-se perceber como Mundo, como cosmos, à medida que se revela como mundo sagrado*”¹⁰. A criação do mundo se vale pela polarização entre sagrado e profano enquanto duas modalidades de ser no mundo. Da polidez dessas modalidades, a tarefa do cogito do sujeito mediado por narrativas

⁵ BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*. Campinas, SP: Verus Editora, 2010, p. 15.

⁶ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 59.

⁷ “O sentido temporal de início não estava completamente excluído, mas estava virtualmente subordinado ao sentido atemporal de origem compreendida como fundação”. RICOEUR, Paul; LaCOQUE, André. *Pensando Biblicamente*, 1998, p. 82.

⁸ RICOEUR, Paul; LaCOQUE, André. *Pensando Biblicamente*, 1998, p. 78.

⁹ Cf. RICOEUR, Paul; LaCOQUE, André. *Pensando Biblicamente*, 1998, p. 82.

¹⁰ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 59.

míticas provoca a desejos por buscas, mesmo sabendo da limitação temporal da existência individual. A este respeito, o trabalho acerca das ideias e comportamentos das religiões arcaicas e primitivas¹¹ motivaram Eliade a elaborar a teoria do *mito do eterno retorno*.¹² Prolongando a filosofia de Friedrich Nietzsche, Eliade percebeu uma dinâmica repetitiva na consciência dos indivíduos praticantes das antigas religiões; aquilo que ele denominou por uma “tendência do Espírito ao retorno ao Todo-Um”¹³. Evidentemente tal tendência não se refere à uma condição absoluta das religiões por excelência. Segundo ele, “o homem é obrigado a regressar aos actos do Antepassado, enfrentá-los ou repeti-los, não os esquecer, em suma, seja qual for a vida escolhida para operar esse *regressus ad originem*”¹⁴. A repetição – que posteriormente tornar-se-á hábito – reside no centro das preocupações do ser quebrado e ameaçado pela finitude. O retorno, a rigor, procura uma regeneração total da vida.¹⁵ O fim, na perspectiva da consciência arcaica, não se torna em uma meta, mas, para o *homo religiosus*, torna-se na origem enquanto o objetivo final de toda cosmogonia.

Conceito temporal

O tempo no imaginário arcaico é cíclico ou linear. A ritualização responde negativamente à finitude. Encontra-se, no corolário da simbolização religiosa, consequências gestuais e repetitivas de um voltar-se constantemente ao passado, um passado primordial.¹⁶ Nesta perspectiva, o *regressus ad originem* reforça a polaridade entre sagrado e profano numa constante negação do tempo. A negação do tempo caracteriza o posicionamento de Eliade. Tanto que, por outro lado, Eliade acusa a concepção linear temporal – ou seja, a duração. Segundo Eliade, “os hebreus foram os primeiros a descobrir o significado da história como epifania de Deus”¹⁷ e, com o profetismo, pela primeira vez uma religião valoriza a história. Se para Eliade o Cristianismo foi o grande responsável pela linearidade do tempo, distinguindo essencialmente o que seria tempo cíclico e tempo linear,¹⁸ para Ricoeur “o significado das palavras ciclo, período e repetição foram enriquecidos consideravelmente. A questão não é mais aquela da regeneração do tempo pelo ritual mas um chamado à liberdade espiritual, da libertação da ilusão cósmica”¹⁹. Nota-se a variedade temporal na intuição religiosa. Há uma estrutura rítmica do tempo nas narrativas míticas, a qual promove interpretações nos intervalos sucessivos e significativos na manifestação temporal.²⁰

De um lado, uma hermenêutica da fenomenologia da consciência do tempo pode libertar o nosso pensamento do modelo exclusivo de tempo

¹¹ A título de exemplo, a monumental obra *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy*. New Jersey: Princeton University Press, 2004, 610p.

¹² Cf. ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70. 1969. 174p.

¹³ ELIADE, Mircea. *Mefistófeles e o Andrógino*, p. 120.

¹⁴ ELIADE, Mircea. *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Lisboa: Edições 70. 1957, 199p., p. 47.

¹⁵ RICOEUR, Paul. “The History of Religions and the Phenomenology of Time Consciousness”. In: KITAGAWA, Joseph M. (Ed.) *The History of Religions: Retrospect and Prospect*, p. 19.

¹⁶ Cf. ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*, p. 109.

¹⁷ ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*, p. 119.

¹⁸ Cf. em *O Mito do Eterno Retorno*.

¹⁹ “As is easy to see, the meaning of the words cycle, period, repetition, have been considerably enriched. The question is no longer that of the regeneration of time by ritual but a call for an act of spiritual freedom, for a deliverance from the cosmic illusion”. RICOEUR, Paul. “The History of Religions and the Phenomenology of Time Consciousness”. In: KITAGAWA, Joseph M. (Ed.) *The History of Religions: Retrospect and Prospect*, p. 25.

²⁰ Cf. RICOEUR, Paul. “The History of Religions and the Phenomenology of Time Consciousness”. In: KITAGAWA, Joseph M. (Ed.) *The History of Religions: Retrospect and Prospect*, p. 22.

enquanto a sucessão pura de instantes naturais representados metaforicamente por uma linha – uma linha indiferente com os eventos que a configuraram.²¹

Por conta do ato libertador, a fenomenologia recebe atenção para alguns aspectos não lineares da temporalidade. A reflexão é aberta para novas concepções de tempo – anunciadas pelos mitos. Por outro lado, a descrição da concepção de tempo gerada pelas religiões que configuraram os paradigmas da cultura Ocidental podem também enriquecer alguns aspectos da temporalidade no caso da própria fenomenologia não ser suficiente. Toda cultura comporta símbolos e mitos, os quais trazem uma variedade de mundos, sobretudo nas diversidade de intuições temporais. A plurivocidade do tempo não se restringe às noções cíclicas ou lineares exclusivamente. A metáfora do “grande tempo”²², transbordando sentido, acarreta, na filosofia ricoeuriana, em outra dimensão temporal: a abertura do modelo exclusivamente temporal enquanto a sucessão pura de instantes naturais representados metaforicamente por uma linha.²³ Diante da polivalência do tempo, tanto Eliade como Ricoeur situam no mito a criatividade para novas concepções temporais descoladas de conceitos restritos. Para Ricoeur, o tempo “encontra no mito uma forma significativa de discurso”²⁴. A originalidade do mito se dá pelas questões profundas do ser as quais ele pretende responder – entre elas, a finitude, a passagem do tempo. O mito, percebido fenomenologicamente por Eliade e Ricoeur, trata-se de uma resposta ao tempo fugidio, promovendo um preenchimento do ser. Devido a esta ambição do mito, as narrativas de eternidade possibilitam as diversas vivências na finitude da temporalidade. É justamente no coração do mito e a busca do ser humano inquieto que marca o aspecto temporal característico do sentimento religioso: o *instante*.

Ser quebrado e preenchimento do ser no tempo

A intuição no sagrado procura suprir um vazio no qual a tarefa do reconhecimento de si, mediada pela hierofania, exausta-se por conferir legitimidade ao pensamento. Na ausência de sentido, em todas as culturas, faz-se narrativas. Dentre elas, o mito, enquanto narrativa original, encarna a finitude para assumi-la na trama da existência. O tempo do mito separa o ordinário do sagrado na tentativa de escapar da falta de sentido e procurar o preenchimento do ser. Recorrendo à filosofia bachelardiana, cujas aproximações retomam o elemento temporal de Rounnel, a existência humana tem uma experiência íntima e direta do *instante*. Tal experiência, enquanto dado imediato da consciência, situa-se além de qualquer variável geométrica, i.e., despreocupa-se, como preocupou-se Bergson, com a *duração*, para apontar a soberania do presente. “A ideia que temos do presente é de uma plenitude e

²¹ “On the one hand, a hereneutical phenomenology of time consciousness may liberate our thought from the exclusive model of time as a pure succession of neutral instants metaphorically represented by a line—a line indifferent to the events that punctuate it.” Cf. RICOEUR, Paul. “The History of Religions and the Phenomenology of Time Consciousness”. In: KITAGAWA, Joseph M. (Ed.) *The History of Religions: Retrospect and Prospect*, p. 26.

²² “The Great Time”. Cf. RICOEUR, Paul. “The History of Religions and the Phenomenology of Time Consciousness”. In: KITAGAWA, Joseph M. (Ed.) *The History of Religions: Retrospect and Prospect*, p. 22.

²³ “On the one hand, a hereneutical phenomenology of time consciousness may liberate our thought from the exclusive model of time as a pure succession of neutral instants metaphorically represented by a line—a line indifferent to the events that punctuate it.” Cf. RICOEUR, Paul. “The History of Religions and the Phenomenology of Time Consciousness”. In: KITAGAWA, Joseph M. (Ed.) *The History of Religions: Retrospect and Prospect*, p. 26.

²⁴ Cf. RASMUSSEN, David M. *Mythic-Symbolic Language and Philosophical Anthropology: A Constructive Interpretation of the Thought of Paul Ricoeur*, 1971, p. 81.

de uma evidência positiva singulares. Instalamo-nos nele com nossa personalidade completa. Somente ali, por ele e nele, é que temos a sensação de existência”²⁵. Segundo Bachelard, a filosofia roupneliana é uma filosofia do ato. Isto porque o tempo não passa de uma sequência de instantes sempre novos ao invés de conter uma continuidade fluida de fenômenos orgânicos ou uma unidade funcional. Deste modo, resgatamos, através de Bachelard, o aspecto accidental do tempo, i.e., “a doutrina do acidente como princípio”²⁶. O acidente é correlato do acaso ricoeuriano. Segundo Bachelard, o “acidente está na raiz de qualquer tentativa de evolução”²⁷. Para Ricoeur, o acaso é o evento responsável pela transcendência. Diante dos eventos trágicos que configuraram o percurso de sua vida, a esperança foi a resposta positiva para as adversidades, levando a concluir, em seu primeiro livro póstumo, publicado em 2008, que seu ato de fé é um acaso transformado em destino por uma escolha contínua.²⁸ O acaso foi assumido em sua reflexão filosófica, sobretudo na meditação da finitude e da religião, de modo a ter declarado ao longo de seu projeto hermenêutico:

no espaço da minha própria convicção, da minha própria confissão, eu reconheço que há um fundo o qual eu não posso controlar. Eu reconheço no fundo a minha adesão uma fonte de inspiração que, por sua exigência de pensamento, sua força de mobilização prática e sua generosidade emocional, ultrapassa a minha capacidade de entendimento e de compreensão.²⁹

O pensamento mítico, encarnado na faculdade filosófica atual, contribui em distintas percepções temporais. Diante do prolongamento temporal do rito, a verdadeira realidade do tempo, assumido no ato do reconhecimento do si da tarefa ricoeuriana, encontra-se no instante, sobretudo na força criativa do instante na imaginação e na compreensão. Recorremos ao teor fenomenológico da pesquisa de Ricoeur e uma de suas aporias centrais: o ser humano possível.³⁰ A questão do possível implica, necessariamente, na tarefa do reconhecimento do si, uma vez que a falibilidade confronta-se com a poética do ser.³¹ Sendo o instante a realidade do tempo, a vivência do mesmo representa, segundo Bachelard, a potência, a possibilidade.³² Ricoeur desenvolve uma fenomenologia do possível na qual o instante abre os possíveis do ser (do “eu posso”).

A analogia da ação se joga sobre uma fenomenologia altamente diferenciada do eu posso falar, eu posso agir, eu posso narrar e me responsabilizar, a saber, a capacidade de designar a mim mesmo. Então,

²⁵ ROUPNEL, Gaston *apud* BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 22.

²⁶ Cf. BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 26.

²⁷ BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 26.

²⁸ “Un hasard transformé en destin par un choix continu”: mon christianisme”. RICOEUR, Paul. *Vivant jusqu’à la mort: suivi de fragments*, 2007, p. 99.

²⁹ “Au creux même de ma propre conviction, de ma propre confession, je reconnais qu’il y a un fond que je ne maîtrise pas. Je discerne dans le fond de mon adhésion une source d’inspiration qui, par son exigence de pensée, sa force de mobilisation partique, sa générosité émotionnelle, excède ma capacité d’accueil et de compréhension.” RICOEUR, Paul. “La croyance religieuse: le difficile chemin du religieux”, In: JACOB, Odile (Org.) *La Philosophie Et L’Éthique*: Université De Tous Les Savoirs T.11; pp. 223-224.

³⁰ Cf. RICOEUR, Paul. “The Power of the Possible”, In: KEARNEY, Richard. *Debates in Continental Philosophy: Conversations With Contemporary Thinkers*. Fordham University Press: New York, 2004.

³¹ Cf. KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*. Presses Universitaires de France: Paris, 2006, pp. 39-47.

³² BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 27.

eu diria que é a fenomenologia do *eu posso* que contrasta e me permite privilegiar a leitura do *dunamis-energeia* no nível de sua capacidade de articular o discursos fenomenológico.³³

O reconhecimento de instantes possíveis

No artigo “O destinatário da religião: o homem capaz”, Ricoeur aprofunda o acaso na reflexão da religião, cuja experiência de finitude encontra nas expressões míticas meios de compreensão e explicação no instante temporal. A tarefa do ser humano capaz, motivado pelo reconhecimento de si, examina a contribuição das narrativas míticas, ostentando a capacidade para transformar o auto-conhecimento em reconhecimento e ação justa diante da queda temporal.³⁴ Este movimento é viável na medida em que a mediação de textos sagrados, na leitura e na vivência das hierofanias, desdobra as capacidades e possibilidades do ser. Note-se, portanto, que a potência e a possibilidade são categorias invocadas na filosofia ricoeuriana, enquanto passos além da fenomenologia de Eliade, para a tarefa do reconhecimento do si no acaso, de modo que a identidade narrativa implique na transformação de um destino no instante absoluto. Em virtude da coragem da aceitação do acaso e a transformação do mesmo em destino, o trabalho filosófico de Ricoeur, em muitos de seus estágios, apresenta a hermenêutica de si na qualidade da tarefa fundamental de uma filosofia motivada pela fenomenologia do agir e uma ontologia do possível.³⁵

Como se encontram as teorias do instante absoluto de Bachelard com a noção cíclica do tempo, a-histórico e fenomenológico, de Eliade? Como se relacionam esses pensamentos com as ideias polissêmicas de Ricoeur?

A tarefa do reconhecimento de si mediada pela confissão religiosa e pelo ato da leitura de grandes narrativas joga o ser na solidão. A primeira percepção desta esfera, tendo como referência Agostinho, é referida como o *agora*. Em outras palavras, o momento de transição entre memória e expectativa cujo percurso só é possível pelo próprio indivíduo em suas ações e pensamentos silenciosos. Trata-se de um instante preenchido no vazio e de um eco de eternidade na finitude. O instante, segundo Bachelard, é já a solidão. “O tempo se apresenta como o instante solitário, como a consciência de uma solidão”³⁶. A solidão rompe com as fronteiras da exclusividade. Compreende-se o mito do Êxodo na jornada diária dos acasos cujos destinos ainda não se tornaram evidentes. Por um lado, o tempo acelera ou atrasa o percurso do reconhecimento; pelo outro, o mito é a narrativa dramática, sem tempo certo, para invocar o único tempo acessível: o instante.

A noção do instante na hierofania faz dela um signo imediato pela ruptura do contínuo do nada.³⁷ “As mais elementares hierofanias nada são que uma separação

³³ “L’analogie de l’agir se joue sur une phénoménologie très différenciée du je peux parler, je peux agir, je peux me raconter et de l’imputabilité, à savoir la capacité de me désigner moi-même. Alors je dirais que c’est la phénoménologie du *je peux* qui tranche et qui me permet de privilégier la lecture du rapport *dunamis-energeia* au niveau de sa capacité d’articuler le discours phénoménologique”. RICOEUR, Paul *apud* KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*, 2006, p. 40.

³⁴ Cf. “Le destinataire de la religion: l’homme capable”. *Archivio di Filosofia (Filosofia della religione tra etica e ontologia)* 64/1-3 (1996) 19-34. Reproduit dans *Philosophie de la religion entre éthique et ontologie*. Édité par M. OLIVETTI, Padoue: Casa Editrice Dott, 1996.

³⁵ Cf. o terceiro tópico do prefácio de *O Si-Mesmo como um Outro*, “Rumo a uma hermenêutica do si-mesmo”.

³⁶ BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*. Campinas, SP: Verus Editora, 2010, p. 16.

³⁷ Acompanhando as fórmulas bachelardianas, das quais somente o nada é realmente contínuo. Cf. BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 39.

ontológica radical de algum objeto de sua zona cósmica circundante”³⁸, notou Eliade ao estudar as expressões xamânicas. O nada é respondido com o preenchimento das significação do sagrado. Este movimento encontra-se inserido na alma inquieta e aflita pela finitude. Segundo Bachelard, faz-se notar que “o tempo não é nada se nada acontece, que a Eternidade antes da criação não tem sentido, que o nada não se mede, que ele não pode ter uma grandeza”³⁹. A rigor, o trabalho de Mircea Eliade, ao longo de sua trajetória, alargou o tema do tempo diante do nada. A tentativa de apreender o tempo em templo, *tempus et templum*, vivenciado em rito, caracteriza a heterogeneidade do tempo e sua reversibilidade diante do vazio e da solidão. O caráter temporal mais característico de Bachelard – a o âmbito do *descontínuo* do tempo⁴⁰ – é traduzido em termos eliadiano por tempo “reversível”⁴¹, i.e., pode ser interrompido pela celebração ritualística e pode-se atualizar um evento sagrado passado no presente. Enquanto para Bachelard o tempo é descontínuo em função do caráter absolutamente puntiforme do instante, para Eliade o tempo, vivenciado em ato litúrgico cosmogônico, é a suprema manifestação divina servindo de modelo para o itinerário dos indivíduos. O tempo sagrado converge, pelo mito e pelo rito, o tempo cotidiano em história para uma comunidade religiosa que, com a presença do sagrado, tornar-se-á história sagrada. No espaço sacralizado, no tempo divino, em companhia dos mitos e ritos, o sujeito religioso transgrede para o sagrado e nega o tempo finito, como também a história.⁴² A cerimônia evoca a interrupção do tempo profano e oferece espaço ao tempo sagrado. A dialética entre o sagrado e o profano possui a função primordial de “preceder toda a reflexão sobre o mundo”⁴³. A objeção tácita do sentido do mundo responde ao problema do vazio e da solidão. O sagrado, por carregar sentidos expressivos para o sujeito religioso, faz-se presente no mistério do ser e promove a participação do indivíduo no desdobramento da aporia do tempo. Conforme atestou Martin Buber, “o sentido é encontrado e se manifesta quando a própria pessoa participa e se envolve com ele [o sagrado]”⁴⁴. A intuição do instante, à maneira da hermenêutica ontológica de Eliade e Ricoeur, em sua expressão religiosa, é a busca do sentido e do significado em face do nada, em Eliade⁴⁵, e a reconstituição do ser ameaçado em não-ser para o que *pode ser* [*peut être*], em Ricoeur.⁴⁶

O instante sagrado é a busca pelos instantes perdidos. A rememoração dos eventos fundadores na leitura dos textos sagrados, a repetição da cosmogonia original pelo rito, a ascensão do tempo finito pelo sentimento de fé e esperança escatológicas. Como ecos na alma desperta, o vazio e a solidão confrontam instantes alegres e memórias ricas. O desdobramento do tempo contínuo é fraturado pelos instantes significativos. As lembranças alegres e os instantes transbordantes, em face às horas hostis intermináveis, desdobram o desejo pela eternidade justa, na qual é possível viver, incessantemente, as alegrias e os prazeres dos instantes reveladores.

Sonhamos com uma hora divina que daria tudo. Não a hora plena, mas a hora completa. A hora em que todos os instantes do tempo seriam utilizados pela matéria, a hora em que todos os instantes realizados na

³⁸ “The most elementary hierophanies, that is, are nothing but a radical ontological separation of some object from the surrounding cosmic zone”. ELIADE, Mircea. *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy*, p. 32.

³⁹ BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 40.

⁴⁰ Cf. BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 25.

⁴¹ Id., *ibid.*, p. 63.

⁴² Cf. ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*, p. 164.

⁴³ Id., *O Sagrado e o Profano*, p. 26.

⁴⁴ BUBER, Martin. *Eclipse de Deus*, p. 36.

⁴⁵ ELIADE, Mircea. *La prueba del laberinto*, p. 86.

⁴⁶ Cf. KEARNEY, Richard. *Poetics of Modernity: Towards a Hermeneutic Imagination*, 1995, p. 36.

matéria seriam utilizados pela vida, a hora em que todos os instantes vividos seriam sentidos, amados, pensados.⁴⁷

Bachelard ainda conclui: “A hora, por conseguinte, em que a relatividade da consciência seria apagada, porque a consciência seria a exata medida do tempo completo”⁴⁸.

O princípio de um pensamento cósmico

A intuição do tempo sagrado enaltece o aspecto inteiro e único do instante. Uma vez que o presente não passa, porque, segundo Bachelard, inspirado em Roupnel, “só se sai de um instante para reencontrar outro”⁴⁹, o instante sagrado retoma a consciência enquanto consciência do instante. O retorno, elaborado por Eliade, assemelha-se à soberania do instante de Bachelard no sentido de que o rito e as narrativas sagradas apontam para o instante dos instantes. A função e objetivo do retorno é a regeneração total da vida e do ser. Isso pode ser ilustrado pelo ioga: as técnicas do yogui buscam a reintegração e unificação de diferentes modalidades do ser com o todo. “A reintegração total, isto é, o retorno à unidade, constitui para o espírito indiano o objetivo supremo de toda existência responsável.”⁵⁰ O tempo sagrado é envolto por aquilo que Bachelard denominou de “isolamento do instante”⁵¹, em outras palavras, a homogeneidade pura do tempo, construindo a perspectiva dos instantes situados entre o vazio do passado e do futuro. A intuição do tempo sagrado permite ressoar os instantes que pretendem a duração – i.e., a *eternidade*. “Um ritmo que continua inalterado é um presente que tem uma duração”⁵². O mito é a descrição dramática da duração que ultrapassa a união de múltiplos instantes. “Viver”, para o ser humano das culturas tradicionais, significa viver segundo os modelos extra-humanos, de acordo com os arquétipos, repetir um arquétipo, um modelo, um mito primordial com a finalidade de renovar os cosmos.⁵³ O tempo mítico, portanto, é sofrimento e reconforto no dilema da memória e recordação.

Para Bachelard, o ser humano constrói o seu tempo e o seu espaço. A persistência metafórica do instante desloca o passado e o futuro para a região do hábito.⁵⁴ Ou seja, a aparente duração temporal refere-se ao que não passa de uma lembrança ou uma previsão. O passado não passa do eco de um hábito no presente; o futuro, de um prelúdio; e o sagrado, em seu tempo mítico, da tentativa de fissurar o contínuo do nada para inserir um sentido no retorno ao tempo primordial. Segundo Søren Kierkegaard – que influenciou Eliade no aspecto existencial da espiritualidade e Ricoeur na dimensão ontológica da filosofia –, o ser humano “determina a sua relação com o geral tomado como referência o absoluto, e não a relação ao absoluto com referência ao geral”⁵⁵.

O conflito entre identidade e falta de sentido situa a hermenêutica ricoeuriana na reconstituição (se assim pudermos denominar) do ser quebrado através da narrativa. Este passo é almejado pela percepção subjetiva e objetiva do tempo e o momento decisivo da ação. Tal momento, traduzido por instante, compreende aquilo pelo qual

⁴⁷ BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 48.

⁴⁸ BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 48.

⁴⁹ BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 49.

⁵⁰ ELIADE, Mircea. *Yoga: Imortalidade e Liberdade*. São Paulo: Palas Athena. 1996, 398p., p. 112.

⁵¹ BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 49.

⁵² BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 50.

⁵³ ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*, p. 109.

⁵⁴ BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 51.

⁵⁵ KIERKEGAARD, Søren. *Temor e Tremor*. São Paulo: Hemus, 2008, 115p., p. 64.

Ricoeur denominou de “a tarefa do cogito quebrado”, i.e., o processo de uma tarefa hermenêutica e ética para a vida diária. Diante da aporia e dos desafios da existência, há a possibilidade do reconhecimento de si para o auto-conhecimento e a ampliação dos saberes na fratura do ser. Para Ricoeur, a narrativa, por excelência, abre a esfera da compreensão no mundo humano. Pela narrativa há uma nova consciência do tempo.⁵⁶ Portanto, segundo Ricoeur, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal”⁵⁷. Esta percepção temporal na narrativa é encontrada em Eliade, cuja declaração alega: “os universos imaginários criados nas novelas, estórias e contos revelam certos valores e significados únicos para a condição humana que, sem tais narrativas, ficariam desconhecidos ou, pelo menos, compreendidos imperfeitamente”⁵⁸. Neste percurso, Ricoeur e Eliade confluem a significação do mito, em sua função heurística, na tarefa do reconhecimento do si.

No processo da identidade narrativa, de Ricoeur, e o preenchimento do vazio, de Eliade, surge, de maneira singular, o princípio de um pensamento cósmico. A saber, a consciência do instante enquanto motor da atribuição do sagrado na finitude, de modo que a finitude seja transformada em eternidade. “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu” (Eclesiastes 3:1); e deste tempo a divindade, aparentemente contrária, concilia a noção de duração e instante: “Eu sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente” (Eclesiastes 3:14). Ao ser humano cabe o caráter absoluto do instante, enquanto no seio de Deus, conforme nota Bachelard, encontra-se a fugacidade do passado e do futuro, sem nenhum vínculo humanamente perceptível com o real.⁵⁹ Não obstante, Eliade – que herdou do hinduísmo a reprovação do tempo e encontrou em Platão seu fundamento – enfatizou a negação da história nas religiões arcaicas, a rejeição absoluta da finitude pela ontologia arcaica.

O cosmo enquanto hermenêutica de si

O princípio de um pensamento cósmico, originado pela inquietação temporal, a localização do instante na realidade do tempo e a resposta à fratura da existência com as narrativas míticas aproxima-se, de modo geral, às interpretações de Parmênides, Heidegger e alguns pensadores existencialistas, distanciando-se da patrística e da ontologia medieval. Assim como para Aristóteles o ser é visto por diversos ângulos e diferentes interpretações (em outras palavras, *o ser se diz em muitas maneiras*), poderíamos, parafraseando Aristóteles e inspirados em Eliade, dizer: *o ser se diz de muitos modos no tempo mítico*. Por um lado, a variedade de mitos demonstra a variedade de possibilidades de ser; por outro, o grande início, o começo dos começos paradisíacos, tomados no *illud tempus* primordial, delimita, pelo aspecto temporal, a condição singular da narrativa sagrada: a possibilidade de uma origem cujo sentido encontra-se na própria atribuição de sentido das esferas simbólicas e ritualísticas.

De fato, para Eliade, “a solução religiosa não somente resolve a crise, mas, ao mesmo tempo, torna a existência ‘aberta’ a valores que já não são contingentes nem

⁵⁶ A dialética do vir a ser, do ter sido e do se fazer presente. Cf. RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, vol 1, 2010, p. 61.

⁵⁷ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, vol 1, 2010, pp. 14-15 e p. 93.

⁵⁸ “The imaginary universes created in novels, stories, and tales reveal certain values and meanings unique to the human condition which, without them, would remain unknown, or, at the very least, imperfectly understood”. Id., *Journal III – 1970-1978*. Chicago: The University of Chicago Press. 1989, 370p., p. 283.

⁵⁹ BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 53.

particulares, permitindo assim ao homem ultrapassar as situações pessoais e, no fim das contas, alcançar o mundo do espírito”⁶⁰. Enquanto que, para Ricoeur, a religião, ao oferecer uma experiência temporal divergente do cotidiano, apresenta-se como uma das alternativas para o trabalho da intuição na fratura existencial – entretanto, esta alternativa ocupa um lugar forte em seu pensamento, uma vez que a hermenêutica religiosa torna o tempo pensável pela narrativa. Em outras palavras, *a narrativa religiosa levanta o véu do tempo*. Sendo este véu uma das chaves para a identidade de si e a expressão do reconhecimento do cogito quebrado⁶¹, a hermenêutica do si, interpelada na esfera da temporalidade, possibilita à reflexão do tempo estar além de qualquer impensável ou abstrata ao ponto de um fluir sem relação com o si.⁶² O tempo é percebido existencialmente devido a vivência do antes e do depois, de modo a formar uma narrativa. Portanto, a narrativa, para Ricoeur, é chave para a temporalidade e esta chave abre uma nova forma de pensamento cósmico.

O instante, na ontologia do solo para as reflexões da temporalidade mítica, resgata a pedagogia do descontínuo, lançando mão da finitude e do acaso para transformá-los em possibilidades de uma nova existência. “A ansiedade que determina nosso período”, para Paul Tillich, “é a ansiedade da dúvida e insignificância”⁶³. A narrativa, seja ela de característica épica ou de romance, prolonga, em termos práticos, a narrativa mitológica ao responder, com histórias cheias de significados profundos e atemporais, as inquietações do tempo e da falta de sentido. Expressões da arte contemporânea, assim como novas tendências religiosas, ecoam o desejo pela descoberta e renovação do sentido do mundo e da existência humana. O pensamento cósmico é carregado de vestígios da estrutura arcaica. Trata-se de uma “saída” do tempo histórico e pessoal, e o mergulho num tempo fabuloso, trans-histórico”⁶⁴. Tal movimento esquiva-se da finitude para mergulhar no cogito quebrado e permiti-lo falar.

Assim, o princípio de um pensamento cósmico mostra-se como uma manifestação do ser no próprio ser; uma abertura do cogito quebrado para o incondicionado e a realidade absoluta do instante. O pensamento cósmico, com efeito, procura *reconstituir o mundo no próprio mundo*. A noção temporal do “hábito” bachelardiano – que diferencia a matéria do ser, a ponto de organizar a solidariedade do passado e do futuro⁶⁵ – equivale-se ao “ritual” das religiões, conforme destacado por Eliade ao trabalhar os conceitos de criação e temporalidade. “Ciclos temporais se encurtam conforme a escala: ciclo geológico, biológico (vida das espécies); ciclo histórico (duração das culturas); ciclo individual (pessoa humana). Mas só o ser humano conhece seu verdadeiro ‘significado’, só ele é capaz de libertar-se do Tempo”⁶⁶. Para Eliade, a liberdade do ser humano está na supressão do tempo e da história. Assim, a supressão é alcançada no instante sagrado, mediada por narrativas religiosas e vivenciada em ritos que fornecem sentido ao indivíduo.

⁶⁰ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*, p. 171.

⁶¹ Cf. RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, vol 1, 2010, p. 81.

⁶² Husserl caminha pela intuição do instante, que esconde uma mediação. Não há inteiramente uma intuição do passado; há a lembrança do passado. O caminho de Ricoeur procura ir além do caminho de Husserl, como também além do caminho de Heidegger (que segue Husserl apontando para as êxtases do tempo). A conceituação de Husserl e Heidegger esconde algumas aporias do tempo, enquanto Ricoeur explicita o que é, para ele, realmente a relação com o tempo.

⁶³ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, p. 135.

⁶⁴ ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*, p. 164.

⁶⁵ BACHELARD, Gaston. *A Intuição do Instante*, 2010, p. 60.

⁶⁶ “Temporal cycles are shorter and shorter: geological, biological (life of the species); historical (duration of cultures); individual (the human person) cycles. But man alone knows their true ‘significance’, and he alone is capable of freeing himself of Time”. ELIADE, Mircea. *Journal III – 1970-1978*, p. 301.

Considerações finais

O mérito deste artigo residiu na elaboração da intuição no tempo sagrado. Partindo de Mircea Eliade e Paul Ricoeur – ambos colegas de trabalho na *University of Chicago* –, a ideia de um princípio de um pensamento cósmico situou o *instante* bachelardiano na hermenêutica do mito com apontamentos para a tarefa do reconhecimento de si. Sem a pretensão de reger a reflexão acerca do tempo, a religião, ao fazer parte da história da humanidade e as inúmeras percepções temporais, provoca pensamentos pelos quais a intuição de um momento único e singular se faz presente no rito e na tradução. Há uma recorrência religiosa, sobretudo nos ideias de Mircea Eliade; entretanto, a religiosidade não exclui a laicidade, muito menos toma para si os méritos do instante. A intuição do instante sagrado, em sua aporia, trata-se de uma revelação na suspeita, a saber, a percepção de um percurso do conhecimento e reconhecimento na conjectura do cogito quebrado. O tempo não é a força direta da expressão religiosa, mas sim o instante segue afirmando a primazia da singularidade e do presente para invocar um fundamento para o preenchimento do ser. Neste sentido, o mito é uma possibilidade de mundo cuja abertura realiza-se na intuição do instante sagrado. Pode-se falar, finalmente, de ontogênese, devido o teor criativo da percepção motivada pelo sentimento de eternidade. A narrativa de Gênesis 1 não se trata apenas de um mito dos fundamentos da criação, mas de um desejo pela superação da finitude. Uma vez inalterado o valor hermenêutico da narrativa bíblica, mundo e mito tornam-se sinônimos⁶⁷ mediante a direção apontada pelos símbolos e narrativas recebidas e assumidas pelo indivíduo. Um princípio de pensamento cósmico, portanto, só é princípio se ele partir das fraturas da existência e propiciar, na consciência da finitude, tendo no problema do tempo a sua potência, uma possibilidade de conhecimento, auto-conhecimento e reconhecimento. Uma vez que a consciência do tempo é intuída na esfera do sagrado, o instante, enquanto a única realidade do tempo, de Gaston Bachelard, é contemplado, dentre as inúmeras variedades do ser, no exercício reflexivo ricoeuriano pelo qual o processo da identidade narrativa, localizada no momento revelador do sagrado, inaugura a criação de sentido no ato criador por excelência. Assim, as grandes narrativas míticas podem contribuir, ao lado das realizações filosóficas e das novidades da ciência, para uma melhor compreensão do humano.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *A intuição do instante*. Campinas: Verus Editora, 2007.
- ELIADE, Mircea. *Journal I: 1945 – 1955*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- _____. *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Lisboa: Edições 70, 1957.
- _____. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969.
- _____. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy*. New Jersey: Princeton University Press, 2004.

⁶⁷ RASMUSSEN, David M. *Mythic-Symbolic Language and Philosophical Anthropology: A Constructive Interpretation of the Thought of Paul Ricoeur*, 1971, p. 3.

- _____; KITAGAWA, Joseph. M. (Org.). *The History of Religions: Essays on Methodology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1959.
- KEARNEY, Richard. *Debates in Continental Philosophy: Conversations With Contemporary Thinkers*. Fordham University Press: New York, 2004.
- _____. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*. Presses Universitaires de France: Paris, 2006, pp. 39-47.
- _____. *Poetics of Modernity: Towards a Hermeneutic Imagination*. New Jersey: Humanities Press International, Inc., 1995.
- KIERKEGAARD, Søren. *Temor e Tremor*. São Paulo: Hemus, 2008.
- RASMUSSEN, David M. *Mythic-Symbolic Language and Philosophical Anthropology: A Constructive Interpretation of the Thought of Paul Ricoeur*. The Hague: Netherlands, 1971.
- RICOEUR, Paul. “Le destinataire de la religion: l’homme capable”. *Archivio di Filosofia (Filosofia della religione tra etica e ontologia)* 64/1-3 (1996) 19-34.
- _____. *Le Mal: un défi à la philosophie et à la théologie*. Geneva: Labor et Fides, 1986.
- _____; LaCOQUE, André. *Pensando biblicamente*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- _____. *Tempo e Narrativa, vol 1*, São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. *Vivant jusqu’à la mort: suivi de fragments*. Éditions du Seuil, Mars 2007.
- TILLICH, Paul. *A Coragem de Ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

Recebido para publicação em 10-02-15; aceito em 11-03-15